

O DESAFIO DA CÔR

Rodolfo Neder



Novas máquinas, 100% automáticas, multiplicam a capacidade dos laboratórios.

O primeiro filme brasileiro inteiramente filmado em côres, *Destino em Apuros*, data de 1953. Em São Paulo, então, algumas empresas procuravam cativar platéias para o filme nacional através da produção em série, e à Multifilmes coube a primeira tentativa industrial de cromocinema. Dirigido pelo italiano Ernesto Remani, *Destino em Apuros* destacou-se apenas por não ter sido fotografado em preto-e-branco, uma "novidade" com duas décadas de idade.

Anteriormente, como em outros países, experimentara-se no Brasil a aplicação da côr por primitivos processos manuais, e, em 1936, o estimado *João Ninguém*, de Mesquitinha, sonhou o tempo de uma seqüência em côres. A partir de 1957, plurarizou-se, embora a princípio em condições técnicas precárias, o ímpeto cromatizante. De 1958 a 1964, se executarmos a safra "record" de 1963 (oito em côres), a média de filmes coloridos é de três por ano. Finalmente, em 1968, o grande "rush": quase duas dezenas de produções (das quais 50% concluídas nos primeiros meses do corrente ano) fogem ao domínio do preto-e-branco.

Segue, assim, o cinema brasileiro, um caminho mais próximo das possibilidades de competição com os centros produtores tecnicamente mais adiantados, num momento em que cerca de 85 por cento da produção mundial utiliza a cromofotografia. Frente a êsse desafio, contamos com

material humano muito apto, mas freqüentemente limitado pelo teto de meios técnicos ao seu alcance.

A Kodak, a mais inquieta pesquisadora de emulsões fotográficas, fabrica, a meu ver, a melhor emulsão colorida, não só por sua utilização mais fácil, como pela grande versatilidade que lhe permite imprimir até em condições de luz pouco favoráveis. Na prática, podemos comprovar isso quando filmamos em Eastmancolor, com seu nôvo negativo mais sensível, quase nas mesmas condições em que filmamos aqui num negativo preto-e-branco. O cinema documentário, que necessita um registro rápido, é a grande prova da aptidão do negativo colorido da Kodak, levando ao espectador imagens que, há dez anos, nem imagináramos poder captar em côres.

Os produtores estão adquirindo equipamentos mais modernos, ágeis, estimulantes para a filmagem em côres. Paralelamente, avulta a significação do investimento de três milhões e meio de cruzeiros novos que a Lider faz, agora, nos laboratórios instalados em um edifício especialmente construído para êsse fim, em São Paulo. As máquinas reveladoras Arri, totalmente automáticas, revelam 2.500 metros (negativos e positivos) por hora, com sistema de absoluta precisão para o controle da temperatura dos banhos. A Arri quintuplica a capacidade de produção da antiga Debrrie, que revelava

somente 500 metros por hora e de maneira um tanto primitiva.

Mais importantes, ainda, são as máquinas Geyer, que podem copiar pelo sistema subtrativo 20.000 metros de película em cada dez horas de trabalho. Êsse equipamento propicia um grande passo sob o ponto de vista qualitativo. E a qualidade das cópias ganha, ainda, com a nova máquina de sistema Ultrasom, que elimina tôdas as impurezas do negativo com vibrações de ondas de som.

Também representam extraordinário progresso as novas máquinas para processar filmes em 16 e em 35 milímetros, reduzindo ou ampliando os negativos. Podem revelar o colorido reversível Ektachrome Kodak 16 mm para posterior ampliação, sem perda de qualidade.

Todo êsse conjunto de laboratório conta com a proteção de um moderno gerador que, ao menor sinal de queda na força elétrica, entra automaticamente em ação, evitando prejuízo para um metro sequer de película em processamento. O problema do abastecimento de água foi solucionado pela Lider com o recurso de um poço artesiano com capacidade para mais de 25.000 litros por hora.

Os novos investimentos das empresas produtoras e laboratórios indicam que nos aproximamos do "starting gate" para uma efetiva competição com os outros centros produtores, no que se refere ao apêlo comunicativo da fotografia.